



Nísia Floresta, trajetória de uma educadora, abolicionista e defensora da educação feminina no século XIX¹

Laura Sánchez Pereira Battistella²

Este trabalho tem por objetivo apresentar a que é considerada por autores como Constância Lima Duarte (1995), a primeira representante feminista brasileira, Dionísia Gonçalves Pinto, que mais tarde se chamaria Nísia Floresta Brasileira Augusta, uma mulher preocupada e sensibilizada com as injustiças que aconteciam na sua época e que atentavam, entre tantas ocorrências, à intelectualidade do gênero feminino. E ainda, segundo Duarte (2008, p.100), parece ser que Nísia Floresta também foi uma das primeiras mulheres no Brasil a se manifestar publicamente contra o sistema escravocrata, ao lado de Maria Firmina do Reis (1825–1917). A ausência de estudos sobre Nísia Floresta e o ineditismo dos seus livros em uma época de silêncio intelectual para as mulheres justificam esta pesquisa. No decurso deste estudo primeiramente localizamos e limos algumas das obras escritas pela autora Nísia Floresta e encontramos nas suas páginas evidências históricas que nos permitiram uma análise sobre a condição da mulher do século XIX, especificamente sobre a questão da educação feminina e da escravidão. O estudo da biografia da autora e do contexto oitocentista também é utilizado na metodologia deste trabalho.

Gostaríamos de contextualizar que no século XIX, o Brasil estava inserido em um regime escravocrata e patriarcal, com antagonismos e desigualdades, e foi nesse

¹ Trabalho apresentado no GT 07 – Bordando outro ponto de vista: pensamento envolvente para feminismos, negritudes e fazeres cotidianos.

² Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Mestranda em curso de pós-graduação *stricto-sensu* Sociedade, Cultura e Fronteiras, na linha de Território, Memória e História com bolsa CAPES. Licenciada em Letras Português Espanhol e respectivas Literaturas pela mesma instituição. E-mail: laurasanchezfoz@gmail.com



período que nasceu Nísia, no interior do Rio Grande do Norte em 12 de outubro de 1810. Nesse período, as crianças nascidas brancas e de famílias abastadas brincavam a serem mães, refinando-se para o destino de “dama da sociedade”. A infância de Nísia já ficou marcada pela Revolução de 1817, em um clima de revolta de proprietários rurais, do clero e de comerciantes contra militares e portugueses vinculados ao comércio de importação e exportação, em um período de instabilidade econômica pelo qual passou Pernambuco, devido ao mau desempenho da indústria açucareira (BARBOSA, 2006, p.11). Nísia Floresta era filha do polifacético Dionísio Gonçalves Pinto, escultor e advogado português com um vasto conhecimento literário e de Antônia Clara Freire, jovem viúva, descendente das primeiras famílias brancas da região e que já tinha uma filha, Marai Izabel, do seu primeiro casamento.

Nísia ficou mais conhecida como Nísia Floresta Brasileira Augusta, já que adotou esse pseudônimo reflexo das várias escolhas que realizou na sua vida e da sua própria personalidade. Nísia, diminutivo de Dionísia, Floresta, para lembrar o sítio Floresta, Brasileira, como afirmação do seu sentimento patriota a sua terra natal, e Augusta, como homenagem ao seu companheiro e pai dos seus filhos, Manuel Augusto. Na época oitocentista era comum a mulher casar-se muito nova, inclusive antes de alcançar a plena maturidade sexual. Nísia não foi exceção e somente com apenas 13 anos é obrigada a se casar com Manuel Alexandre Seabra de Melo, um rapaz pouco culto que era dono de grandes extensões de terra. Corria o ano 1823 na cidade de Papari.

Mas no mesmo ano Nísia o abandona e volta a morar com seus pais. Foi este ato um proceder corajoso para a moral da época, pois uma mulher não abandonava o homem a quem lhe devia respeito e obediência até que a morte os separarem, e dificilmente os pais desta a receberiam após que abandonasse seu marido, conforme valores da sociedade oitocentista. Barbosa (2006, p. 13) aponta que: “E, como não podia deixar de ser, tal atitude trouxe consequências. Enfrentou preconceitos, foi chamada de adúltera e ‘caiu na boca do povo””.



Manuel Seabra, o marido abandonado, inconformado com a separação, iria perseguir Nísia Floresta durante alguns anos, ameaçando processá-la por abandono de lar e, posteriormente, por adultério. Pode-se aqui desta forma, perceber a personalidade à frente do seu tempo tanto da Nísia, como dos seus pais ao recebê-la e acolhê-la de volta a casa. A família de Nísia em 1824 decide mudar-se para Pernambuco e residir primeiro em Goiana, depois em Olinda e Recife devido às ameaças que o pai de Nísia sofria dentro das diversas tentativas separatistas de caráter republicano ocorridas no Nordeste. Inicia aqui o que será para Nísia Floresta uma vida de viajante que irá até o final da sua existência. E foi na cidade de Goiana que Nísia encontrou o universo dos livros. Numa época em que poucas escolas existiam e nem era obrigatório que crianças estudassem, os meninos e as meninas de famílias tradicionais recebiam instrução em casa mesmo, por intermédio de um tutor ou nos internatos religiosos. Em um desses na cidade de Goiana, sempre incentivada pelo pai, Nísia conheceu a cultura europeia, através da biblioteca do Convento das Carmelitas que funcionava desde o século XVII. Nele, moças da elite tornavam-se prendadas nas artes dos trabalhos manuais e do canto. Goiana foi também o local onde Nísia ouviu e travou contato com as ideias liberais que a caracterizaram por toda a vida (BARBOSA, 2006, p. 12).

Desta forma, e sempre com o apoio do pai, Nísia se converteu em autodidata e surpreendeu com seu conhecimento e habilidade na escrita, aliás, uma escrita forte, convincente e argumentativa como se descobriu poucos anos depois com a sua primeira obra, *Direito das mulheres e injustiça dos homens* (1832). Em 17 de agosto de 1828, próximo de Nísia festejar os 18 anos, foi assassinado o seu pai nas proximidades de Recife, depois de obter sucesso na causa de um cliente. Segundo a própria Nísia, os responsáveis seriam os poderosos de Olinda que não toleravam um advogado agindo contra seus interesses e defendendo os mais desfavorecidos. A escritora deixa registrado este difícil momento da sua vida no livro *Fragmentos de uma obra inédita: Notas biográficas*, de 1878.



(...) Déspota brutal que exercia naquele tempo as prerrogativas de um título já caduco, o qual lhe dava, porém, como a muitos outros, a oportunidade de satisfazer impunemente os ferozes instintos de sua natureza, dissimulava havia algum tempo seu rancor contra o digno advogado que tivera a coragem de defender a causa de um infeliz pai de família que seu despotismo oprimia, e de enfrentar, com isso, o terror que seu nome inspirava (FLORESTA, 2001, p. 51).

No ano da morte do pai, entrou na vida de Nísia quem seria o amor da sua vida, o acadêmico da Faculdade de direito, Manuel Augusto de Faria Rocha, nascido em Goiana e foram e morar juntos. Novamente com esse ato a escritora deveria enfrentar duras críticas do povo pois, naquela época, era inamissível uma mulher ir viver com um homem sem antes ter tido contraído matrimônio. Não sabemos como essas críticas podem ter repercutido no seu caráter e na sua vida, mas o que sim podemos afirmar é que Nísia mostrou mais uma vez sua coragem para assumir da forma que desejava sua relação amorosa, enfrentando a sociedade patriarcal que a envolvia.

Corroboramos através da vida da escritora Nísia como a sociedade oitocentista era patriarcal, logo difícil para conciliar uma vida livre de ataduras e pressões masculinas para as mulheres com perspectivas de crescer intelectualmente e estarem presentes na vida pública. Mas isso, não impediu a Nísia de inaugurar um colégio para meninas onde poderiam receber uma educação igual ou superior a dos homens do período. Novamente, nesta ocasião, Nísia era pioneira do seu tempo já que no século XIX somente estrangeiros possuíam instituições de ensino. Em 31 de janeiro de 1838 se publica no Jornal do Comércio uma nota sobre a abertura e inauguração do Colégio Augusto, em homenagem ao companheiro da escritora. A nota escrita da mão da própria Nísia dizia:

D. Nísia Floresta Brasileira Augusta tem a honra de participar ao respeitável público que ele pretende abrir no dia 15 de fevereiro próximo, na rua Direita nº 163, um colégio de educação para meninas, no qual, além de ler, escrever, contar, coser, bordar, marcar e tudo o mais que toca à educação domestica de uma menina, ensinar-se a gramatica da língua nacional por um método fácil, o francês, o italiano, e os princípios mais gerais de geografia. Haverão igualmente neste colégio mestres de música e dança. Recebem-se alunas internas e externas. A diretora, que há quatro anos se emprega nesta ocupação, dispensa-se de entreter o respeitável público com promessas de zelo, assiduidade e aplicação no desempenho dos seus deveres, aguardando ocasião em que possa



praticamente mostrar aos pais de família que a honrarem com a sua confiança, pelos prontos progressos de suas filhas, que ela não é indigna de árdua tarefa que sobre si toma. (...). (apud FLORESTA; BARBOSA, 2006, p. 25)

A abertura do colégio não foi bem recebida pela sociedade patriarcal oitocentista, que novamente se sentia ameaçada ante a possibilidade das mulheres serem instruídas e Nísia, novamente, sofreu duras críticas na imprensa, algumas delas com ataques a seu próprio pundonor. Nesse período mulheres eram educadas, mas já mais instruídas, e como aponta Louro (2015 p. 446) para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter, sendo suficientes, provavelmente doses pequenas ou doses menores de instrução. O pensamento patriarcal era, para que “mobilier” a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino era ser esposa e mãe? Apesar dessa corrente de pensamento social, Nísia Floresta durante a sua estância na cidade carioca, além de dirigir o Colégio, desenvolveu uma intensa movimentação política e literária em defesa de vários tipos de liberdades, entre estas: liberdade das mulheres, dos escravizados, da escolha da religião e da república.

O contexto social educativo, quando o Colégio de Nísia foi inaugurado, segundo Louro era,

O discurso sobre a importância da educação na modernização do país era decorrente. As críticas ao abandono educacional em que se encontrava a maioria das províncias estavam presentes nos debates do parlamento, dos jornais e até mesmo dos saraus. Os anos passavam, o Brasil caminhava para o século XX e, nas cidades e povoados, sem falar na imensidão rural, grande parte da população continuava analfabeta. (LOURO In: __ PRIORE, 2015, p. 444).

As escolas existentes eram para meninos, algumas também para meninas fundadas por ordens religiosas, mantidas por leigos onde as meninas e meninos aprendiam ler, escrever, contar, saber as quatro operações básicas e a doutrina cristã. Os meninos eram instruídos também para geometria e as meninas, para bordado e costura. Já para a população de origem africana, ser escravo significava não poder receber educação, como acontecia com os indígenas. Com esta panorâmica educativa, Nísia se envolveu na defesa dos direitos à educação dessas desfavorecidas camadas sociais. Em



1839 já estava à venda a terceira edição do seu livro *Direito das mulheres e injustiça dos homens* o que mostrava que o trabalho de Nísia estava dando seus resultados. No jornal *Mercantil* se ironiza o fato do colégio administrar latim na sua grade curricular. No mesmo ano, três publicações são oferecidas e dedicadas às alunas do Colégio.

E dentro desse mesmo contexto histórico, os indianistas considerados desde a época da descoberta do Novo mundo como selvagens exóticos pelos europeus foram objeto de defesa nas páginas da escritora que com o pseudônimo de Telesilla em 1849, publica no Rio de Janeiro, “A lágrima de um Caeté”.

Índigenas do Brasil, o que sois vós? Selvagens? Os seus bens já não gozais...
Civilizados? Não... vossos tiranos cuidadosos vos conservam bem distantes dessas armas
com que ferido tem-vos.
Da sua ilustração, pobres caboclos!
Nenhum grau possúis!.. perdeste tudo, exceto de covarde o nome infame... (apud.
FLORESTA; BARBOSA, 2006, p. 30).

O poema consta de 712 versos sobre degradação do índio brasileiro colonizado pelo homem branco e o drama vivido pelos liberais durante a Revolução Praieira em Pernambuco do mesmo ano. Anos depois, o livro, em 1860, também viu a luz na Itália, mas no Brasil este livro só foi reeditado nos 1938. A escritora incansável publica em 1855 a crônica *Páginas de uma vida obscura* retratando a vida de um negro escravo e os pensamentos de repúdio da própria autora sobre a escravidão, conforme deixa ver nas suas páginas.

A escravidão (...) foi sancionada pelos mesmos homens, que tudo haviam sabido sacrificar para libertar-se do jugo de seus opressores, e assumirem a categoria de nação livre! Eles, que acabavam de conquistar a liberdade, não coravam de rodear-se de escravos! (FLORESTA, 1855).

Através das suas letras na obra *Páginas de uma vida obscura*, se percebe a intenção da escritora em fazer refletir ao seu leitor sobre o problema do escravo se sensibilizando, e até mudando de opinião, com o que a sociedade considerava então normal em relação à escravidão. Mas a resistência que a sociedade escravocrata fazia era intensa já que, como bem apontará Dias (apud LEITE, 1983, p. 188), enquanto houvesse



braço escravo o homem branco não procuraria trabalho “pois este é humilhação”. Além de que segundo várias análises de letrados da época, como foi o Padre Antônio Vieira (1608–1697), defendem a legitimidade da escravidão sob o argumento de que através do cativo os negros atingiriam a salvação de Cristo. Tais ideias pertencem, ao saber cristão-medieval, mas neste caso alinham-se na versão dos Padres de Igreja e dos apóstolos, muito próxima à filosofia estoica. É a interpretação da escravidão como virtude, resignação ou sacrifício em favor da alma. Na ênfase à igualdade dos homens perante Deus ou na visão da alma como livre (desde que infensa ao pecado), impõe-se o desdém pela escravidão terrena (VAINFAS, 1986, p. 97-98). Ideias, argumentos que ainda perduraram durante anos na sociedade oitocentista difíceis de revocar.

Podemos concluir que, personalidade como a de Nísia Floresta foram essenciais para começar a mudar sociedades e mentalidades, mas que, às vezes, de forma inexplicável são exatamente estas personalidades pioneiras as que são soterradas na memória e silenciadas na história.

Referências bibliográficas:

BARBOSA, Paulo Corrêa. *Almanaque histórico Nísia Floresta uma mulher à frente do seu tempo: Projeto memória 2006*. Brasília: Redeh; Petrobas; Fundação Banco Brasil, 2006.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta vida e obra*. 2ª Ed. Natal: Editora da EDUFRN, 2008.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta vida e obra*. Natal: UFRN Ed. Universitária, 1995.

FLORESTA, Nísia. *Fragmentos de uma obra inédita: Notas biográficas*. Brasília: Editora UNB, 2001.

FLORESTA, Nísia. *Páginas de uma vida obscura. Brasil Ilustrado*. 1855. Vol.1.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia e escravidão: os letrados e a sociedade escravista no Brasil colonial*. Petrópolis: Vozes, 1986.